



ZAÍTA A BONECA NEGRA que se desfarela em balas flores

Sávio Roberto Fonseca de Freitas¹ & Camila de Matos Silva²

SOMENTE NAS VIELAS couberam os negros

O processo de urbanização das cidades brasileiras, no século XIX, se espelhou nas construções europeias com ruas largas e muitas árvores. Devido a isso foram destruindo e espremendo as construções mais pobres para os lugares mais afastados e para as partes altas. Por isso pensar o espaço urbano nas literaturas afro-brasileiras é desafiador, como afirma Regina Dalcastagnè (DALCASTAGNÈ, 2015, p. 42) “um primeiro problema a ser enfrentado por quem procura essa outra perspectiva é a quase ausência de registros escritos,” em que negros e negras estão inseridos nestes espaços. De acordo com esta perspectiva Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus transitam por esses espaços e nos atentam para negros e negras empurrados para esses espaços desde o período pós-escravidão.

O diálogo entre as obras de Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo ocorre não apenas pela escrita de autoria negra, mas também pela abordagem do espaço urbano, como pode ser confirmado em um depoimento de Evaristo, no qual essa diz se inspirar na escrita daquela, bem como na “grafia-desenho” de sua mãe:

Nas páginas de outra favelada nós nos encontrávamos. Conhecíamos como Carolina, a aflição da fonte. E daí ela percebeu que podia escrever como a outra, porque ela

¹ Sávio Roberto Fonseca de Freitas é professor adjunto na Universidade Federal Rural de Pernambuco/UFRPE.

² Camila de Matos Silva é mestranda em Literatura e Cultura na Universidade Federal da Paraíba/UFPB.

era também a Outra... São lindos os originais de minha mãe, caderninhos velhos, folhas faltando, exteriorizando a pobreza em que vivíamos. Ali, para além de suas carências, ela se valeu da magia da escrita e tentou, como Carolina, manipular as armas próprias do sujeito alfabetizado. (EVARISTO, 2011, p.105).

Conceição Evaristo cresceu em uma favela de Belo Horizonte – Minas Gerais, em uma família muito pobre, onde viu e ouviu muitas histórias. Toda sua escrita é alicerçada em vivências, sendo caracterizada pela própria autora como *escrevivência*, onde relata principalmente a vivência de mulheres negras. Sua estética é ancorada em um passado de vivências e escutas, como afirma Evaristo:

Mas digo sempre: creio que a gênese de minha escrita está no acúmulo de tudo que ouvi desde a infância. O acúmulo das palavras, das histórias que habitavam em nossa casa e adjacências. Dos fatos contados a meia voz, dos relatos da noite, segredos, histórias que as crianças não podiam ouvir. Eu fechava os olhos fingindo dormir e acordava todos os meus sentidos. O meu corpo por inteiro recebia palavras, sons, murmúrios, vozes entrecortadas de gozo ou dor dependendo do enredo das histórias. (EVARISTO, 2007, p. 19).

Partindo desse pressuposto e de leituras de sua obra, reiteramos que diversas representações da favela e dos moradores dessa estão presentes em quase toda sua obra, como maior representatividade em *Becos da Memória* e *Olhos d'água*. Em *Olhos d'água*, no conto “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”, o espaço urbano subjugado, sem infraestrutura é exposto de maneira a inserir o negro nele e mostrar ao leitor que ao negro só couberam as vielas. Para Regina Dalcastagnè:

Buscar, nas representações da cidade, aquilo que não se quer ali – aqueles que habitam seus desvios, que ameaçavam seus muros, os que foram jogados, desde sempre para o lado de fora. É preciso um esforço considerável para se encontrar, em meio a uma literatura tão marcadamente de classe média, branca e masculina como a brasileira, uma construção diferente sobre a experiência urbana contemporânea. (DALCASTAGNÈ, 2015, p.41).

Tal experiência no conto nos atenta para a contribuição que Conceição Evaristo tem trazido à literatura contemporânea, uma vez que a partir do olhar de quem já esteve ali ela cria e recria o ambiente urbano da favela e insere não apenas o homem negro pobre, mas as mulheres, em sua maioria: negras e subjugadas. Esses são dos eixos importantes também de *Becos da Memória*, romance também da autora:

Escrevo como uma homenagem póstuma à vó Rita (...) aos bêbados, às putas, aos malandros, às crianças vadias que habitam os becos de minha memória. Homenagem póstuma às lavadeiras que madrugavam os varais com roupas ao sol. Às pernas

cansadas, suadas, negras, alouradas de poeira do campo aberto onde aconteciam os festivais de bola da favela. (...) Homens, mulheres, crianças que se amontoaram dentro de mim, como amontoados eram os barracos da minha favela. (EVARISTO, 2006, p. 20-21).

Notamos que a escritora insere tanto no espaço físico, como literário, todos aqueles que ficaram à margem da literatura canônica oficial. Os espaços urbanos revisitados por Conceição Evaristo nos atenta para a busca da memória coletiva e para o processo de pertencimento do negro, o qual foi obrigado a habitar este lugar. Ao colocar os personagens da favela no centro narrativo Evaristo realiza uma retomada histórica acerca daquilo que foi velado e atribui caráter identitário ao negro de comunidade.

OS OLHOS CHEIO DE LÁGRIMAS nos becos silenciosos

No conto “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”, de Olhos d’água, as representações subjetivas são relevantes para que possamos entender os diversos conflitos emocionais e de espaço pelos quais passam os personagens envolvidos. O conto se acontece em uma favela, em algum centro urbano, inicia-se com a personagem Zaíta brincando, uma menina que possui uma irmã gêmea, Naíta.

185

Zaíta espalhou as figurinhas no chão. Olhou demoradamente para cada uma delas. Faltava uma, a mais bonita, a que retratava uma garotinha carregando uma braçada de flores. Um doce perfume parecia exalar da figurinha ajudando a compor o minúsculo quadro. A irmã de Zaíta há muito tempo desejava o desenho e vivia propondo uma troca. (EVARISTO, 2015, p. 71).

Ao longo da narrativa o conto vai se desdobrando e nos é apresentado Benícia, mãe de Zaíta, uma mulher pobre e que cria quatro filhos, sozinha, como percebemos na passagem.

A mãe de Zaíta estava cansada. Tinha trinta e quatro anos e quatro filhos. Os mais velhos já estavam homens. O primeiro estava no Exército. Queria seguir carreira. O segundo também. As meninas vieram muito depois, quando Benícia pensava quem engravidaria mais. Entretanto, lá estavam as duas. Gêmeas. (EVARISTO, 2016, p. 72).

Apesar de a história girar em torno de um episódio corriqueiro, uma criança brincando, a narrativa nos leva para a angústia vivida por cada membro familiar, principalmente vivida pela mãe de Zaíta, que trabalha em um supermercado; vive cansada; sem paciência para as filhas e sustenta sozinha a casa, realidade de

milhares de mulheres brasileiras. A exemplo, “Zaíta olhou os brinquedos largados o chão e se lembrou da recomendação da mãe. Ela ficava brava quando isto acontecia. Batia nas meninas, reclamava do barraco pequeno, da vida pobre, dos filhos, principalmente do segundo.” (EVARISTO, 2015, p. 72)

O conflito familiar se mistura aos constantes conflitos dentro da favela, brigas de gangues rivais; confronto policial, os quais causam grande angústia no ambiente familiar de Zaíta. Notamos a aflição de mãe e filha em uma das noites, vejamos a passagem:

De noite julgou ouvir alguns estampidos de bala ali perto. Logo depois escutou os passos apressados do irmão que entrava. Ela se achegou mais para junto da mãe. A irmã dormia. A mãe se mexeu na cama várias vezes; em um dado momento sentou assustada, depois se deitou novamente cobrindo-se toda. O calor dos corpos da mãe e da irmã lhe davam certo conforto. Entretanto, não conseguiu dormir mais, tinha medo, muito medo, e a mãe lhe pareceu ter passado a noite toda acordada. (EVARISTO, 2016, p.73).

Mesmo o aconchego da mãe e a presença da irmã não são capazes de amenizar o sentimento de medo que Zaíta sente. A mãe em puro desespero se cobre toda como se o fato de cobrir-se a protegesse de toda a confusão dentro e fora de casa. A casa que deveria ser um lugar acolhedor, confortante e seguro para os moradores de favelas nem sempre é assim, e para a família de Zaíta também não.

Em relação à composição familiar temos o irmão mais velho que segue o exército e vive sem dinheiro, outra preocupação da mãe, este personagem é bastante ausente no texto, até mesmo por ficar recluso no quartel. Sabemos que a carreira militar para muitos jovens de periferia é a única alternativa de estudo e uma possível ascensão social. Já o irmão do meio queria também seguir carreira de poder, porém como a narradora mesmo descreve no texto não consegue no exército, com isso busca na criminalidade ascensão social liderando um grupo de tráfico de drogas dentro da favela onde reside, pois esse não se conformava com a vida pobre que levava:

O irmão de Zaíta, o que não estava no Exército, mas queria seguir carreira, buscava outra forma e local de poder. Tinha um querer bem forte dentro do peito. Queria uma vida que valesse a pena. Uma vida farta, um caminho menos árduo e o bolso não vazio. Via os seus trabalharem e acumularem miséria no dia a dia. (EVARISTO, 2016, p.73).

Nessa perspectiva, Conceição Evaristo nos alerta para a dura realidade brasileira, na qual jovens sem oportunidades, e indignados com a condição subalterna que ocupam na sociedade, adentram o mundo das drogas e da violência, gerando transtornos tanto para eles quanto para suas famílias.

O olhar observador de Zaíta percebe que há algo errado com o irmão: “Um dia Zaíta viu que o irmão tinha os olhos aflitos. Notou ainda quando ele pegou uma arma debaixo da poltrona em que dormia e saiu apressado de casa.” (EVARISTO, p.72, 2016). A menina questiona a mãe, mas essa prefere o silêncio, vejamos a passagem:

Assim que a mãe chegou, Zaíta perguntou-lhe porque o irmão estava tão aflito e se arma era de verdade. A mãe chamou a outra menina e perguntou-lhe se ela tinha visto alguma coisa. Não, Naíta não tinha visto nada. Banícia recomendou então o silêncio. Que não perguntassem nada ao irmão. Zaíta percebeu que a voz da mãe tremia um pouco. (EVARISTO, 2016, p.72).

Em relação ao silêncio da mãe, que não é de indiferença, entretanto de impossibilidade e medo perante a situação, afirmamos que Banícia se assemelha aos inúmeros casos de mulheres, pobres, que sem nenhuma ajuda se alimentam da solidão e da dificuldade de criarem, sozinhas, seus filhos:

A mãe de Zaíta guardou rapidamente os poucos mantimentos. Teve a sensação de ter perdido algum dinheiro no supermercado. Impossível, levava a metade do salário e não conseguiria comprar quase nada. Estava cansada, mas tinha de aumentar o ganho. Ia arranjar trabalho para os finais de semana. (EVARISTO, 2016, p.75).

A respeito destas situações em que a sociedade teima em deixar invisível Regina Dalcastagnè salienta:

[...] a literatura pode dar a ver situações que são tornadas “invisíveis” e, assim, contribuir minimamente para a sua discussão, é importante que sejam inseridas novas vozes, provenientes de outros espaços sociais, em nosso campo literário. Afinal são essas vozes autorais que podem, efetivamente, acrescentar substância e originalidade à literatura brasileira. (DALCASTAGNÈ, 2015, p. 53).

Nessa linha, as escritoras negras da contemporaneidade brasileira têm desvelado o que por muito ficou escondido. Dar voz aos negros é também tentar alçar lugares que fazem parte de suas histórias e os façam sentir-se parte da sociedade. Acreditamos que seja essa uma das funções sociais da literatura: contribuir para formação identitária de grupos minoritários e fazê-lo parte de um grupo, no qual escritoras como Conceição Evaristo, Miriam Alves, Cidinha Silva, Ana Maria Gonçalves nos fazem refletir a cerca de todo este processo excludente.

Nota-se que o cansaço da mãe e o fato dela precisar trabalhar muito para criar os quatro filhos foram deixando lacunas afetivas e percepções importantes também não foram, aparentemente, visíveis dentro do núcleo familiar de Zaíta. A mãe não foi percebendo tão claramente o que se passava a sua volta, tanto dentro como fora de casa. Interessante que o estereótipo de mãe perfeita imposto pela sociedade é desmascarado no conto. Para além, a narradora apresenta preocupação em nos atentar as “falhas” da mãe – não com intuito para que façamos julgamentos, todavia no desejo de mostrar ao leitor uma real situação vivida por mulheres pobres e principalmente mulheres negras. É possível percebemos como as atitudes, desse filho, passam despercebidas pela mãe:

O moço via mulheres, homens e até mesmo crianças, ainda meio adormecidos, saírem para o trabalho e voltarem pobres como foram, acumulados de cansaço apenas. Queria, pois, arrumar a vida de outra forma. Havia alguns que trabalhavam de outro modo. [...] Desde pequeno ele vinha acumulando experiências. Novo, criança ainda, a mãe nem desconfiava e ele traçava o seu caminho. Corria ágil pelos becos, colhia recados, entregava encomendas, e displicentemente assobiava uma música infantil, som indicativo de que os homens estavam chegando. (EVARISTO, 2016, p. 74).

Todavia, quando a mãe toma ciência do que está acontecendo ela também não faz nada, prefere o silêncio, pois se vê em uma situação difícil e aparentemente sem solução. O conflito psicológico da mãe também é marcante no texto, a narradora sempre descreve que ela está cansada, que bate nas gêmeas, ou que está brava – tudo ocasionado pelo sofrimento vivido por ela; pela falta de dinheiro; pelo excesso de trabalho fora e dentro de casa e pela preocupação com o filho mais novo. Todos esses desajustes causam nessa mulher tanto desespero a ponto dessa pensar em aceitar dinheiro da criminalidade, oriundo do filho, para conseguir manter a casa, vejamos a passagem:

A mãe de Zaíta, às vezes, chegava a pensar que o segundo filho tinha razão. Vinha a vontade de aceitar o dinheiro que ele oferecia sempre, mas não queria compactuar com a escolha dele. Orgulhosamente, não aceitava que ele contribuísse com nada em casa. Estava, porém, chegando à conclusão de que trabalho como o dela não resolvia de nada. Mas o que fazer? Se parasse, a fome viria mais rápida e voraz ainda. (EVARISTO, 2016, p.75).

Outro aspecto levantado por Evaristo, ao revisitar o espaço urbano marginalizado, é a perda da infância, outra triste realidade brasileira. Desde criança o irmão de Zaíta já era usado pelo tráfico, a canção infantil que era para ser algo como uma parte boa dessa fase da vida é usada para ajudar no crime

organizado, como observamos também no conto. “Novo, criança ainda, a mãe nem desconfiava e ele já traçava o seu caminho. Corria ágil pelos becos, colhia recados, entregava encomendas, e displicentemente, assobiava uma música infantil, som indicativo de que os homens estavam chegando.” (EVARISTO, 2015, p. 74).

No conto “Lumbiá”, também de *Olhos d’água*, as temáticas centrais são o trabalho infantil e a violência, incidentes constantes na vida de crianças pobres. A violência no canto “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos” é uma constante: a mãe exausta e sem paciência para as filhas pequenas, trocas de tiros na favela.

Outro espaço abordado pela narradora que também causa grande conflito é a briga de traficantes por espaços dentro da favela e o confronto desses com policiais. O conto vai se desdobrando e como se fosse ampliando o ambiente físico as coisas vão ocorrendo, para que possamos repensar estes espaços e perceber as múltiplas situações perturbadoras daqueles que residem ali.

A narradora inicia o conto com uma cena do cotidiano: Zaíta brincando de figurinhas no chão de casa, porém ao longo a narrativa vai apresentando a pobreza e precariedade dessas crianças até mesmo em relação aos brinquedos. Zaíta ao perceber que faltava a figurinha que ela mais gostava da sua coleção de figurinhas tem certeza que foi Naíta quem pegou, mas não pode dizer à mãe senão irá apanhar juntamente com a irmã. Com isso ela pega uma caixa de papelão, onde tinha outros brinquedos para procurar, no entanto vejam a descrição dos brinquedos:

Zaíta virou a caixa, e os brinquedos se esparramaram, fazendo barulho. Bonecas incompletas, chapinhas de garrafas, latinhas vazias, caixas e palitos de fósforos usados. Mexeu em tudo, sem deter em brinquedo algum. Buscava insistentemente a figurinha, embora soubesse que não a encontraria ali. No dia anterior, havia recusado fazer a troca mais uma vez. A irmã oferecia pela figurinha aquela boneca negra, a que só faltava um braço e que era tão bonita. Dava ainda os dois pedaços de lápis cera, um vermelho e amarelo, que a professora lhe dera. Ela não quis. Brigaram. Zaíta chorou. (EVARISTO, 2016, p.72).

A representação dos sujeitos subalternos, marcados em sua vivência pela exclusão social, de classe, gênero é marcada aqui pelos tipos de brinquedos e como são sucateados. Já a de raça é representada pela figura da boneca negra, uma vez que no conto a narradora não faz menção acerca da raça dos filhos, filhas e mãe, todavia a narradora sutilmente nos apresenta uma boneca negra, que segundo

Zaíta “era tão bonita”, o que nos sugere sentimento de pertencimento de Zaíta em relação à figura da boneca negra.

A falta de um braço desta boneca pode nos levar a alguns eixos: a falta de brinquedos e/ou brinquedos velhos que as crianças pobres possuem; a impotência que o negro enfrenta perante uma sociedade tão exclusiva e sobre a própria estética negra tantas vezes inferiorizada – a boneca é linda, mas falta um braço. Acerca da exclusão do negro e das várias mutilações que esses veem sofrendo ao longo dos séculos Evaristo realiza um jogo lúdico entre a boneca e esta situação, a boneca em uma cena do conto vai sendo mutilada pela mão da mãe, que neste caso pode estar representando a sociedade e toda sua ira, como exemplo citamos a passagem:

Veio andando aflita da cozinha e tropeçou nos brinquedos esparramados pelo chão. A preocupação anterior se transformou em raiva. Que merda! (...) Apanhou a boneca negra a mais bonitinha, a que só faltava um braço, e arrancou o outro, depois a cabeça e as pernas. Em poucos minutos a boneca estava destruída; cabelos arrancados e olhos vazados. (EVARISTO, 2015, p. 75).

Corroborando com Dalcastagnè acerca da importância de dar voz a quem está “fora das formações cristalizadas” para produzir reflexões, Glória Anzaldúa salienta:

O trabalho da consciência mestiça é de demonstrar a dualidade sujeito-objeto que a mantém prisioneira, e o de mostrar na carne e através de imagens no seu trabalho como a dualidade pode ser transcendida. Extipar de forma massiva qualquer pensamento dualista no indivíduo e na consciência coletiva representa o início de uma longa luta, que poderá, com a melhor das esperanças, trazer o fim do estupro, da violência, da guerra. (ANZALDÚA, 2005, p.707).

Refletindo sobre essa contribuição de Anzaldúa, acreditamos que esta boneca possui grande simbologia no decorrer da história. Zaíta ao sair ao procura da irmã, que poderia estar com sua figurinha, deixa os brinquedos espalhados pelo chão, como observamos na passagem:

Zaíta andava de beco em beco à procura da irmã. Chorava. Algumas pessoas conhecidas perguntavam o porquê de ela estar tão longe de casa. A menina se lembrou da mãe e da raiva que ela devia estar. Ia apanhar muito quando voltasse. Não se importou com aquela lembrança. Naquele momento, ela buscava na memória como o desenho da menina-flor tinha nascido em sua coleção. (EVARISTO, 2015, p. 74).

Nesta procura trágica Zaíta se desencontra com Naíta e acaba se afastando muito de casa. Benícia, a mãe das gêmeas, exausta do trabalho, ao perceber que fazia algum tempo que não via as filhas, dentro de casa, a princípio se aflige, mas depois é acometida pelo acesso de raiva, como observamos no excerto:

Não ouvia a voz das duas há algum tempo. Deviam estar metidas em alguma arte. Sentiu certo tremor. Veio andando aflita da cozinha e tropeçou nos brinquedos esparramados pelo chão. A preocupação anterior se transformou em raiva. Que merda![...] Apanhou a boneca negra, a mais bonitinha, a que só faltava um braço, e arrancou o outro, depois a cabeça e as pernas. Em poucos minutos a boneca estava destruída; cabelos arrancados e os olhos vazados. (EVARISTO, 2016, p.75).

Naíta ao ouvir os gritos da mãe volta da casa da vizinha e tinha duas notícias ruins para dar a Zaíta: havia perdido a figurinha da irmã e a mãe havia destruído a boneca negra. Naíta resolve sair em busca da irmã para contar os acontecidos. Todavia enquanto todas essas cenas acontecem Zaíta já havia percorrido os múltiplos becos da favela e estava longe de casa. E conto trança o conflito familiar; o sumiço das filhas; o sumiço da figurinha e a destruição da boneca com o tiroteio que se inicia na favela:

O barulho seco de balas se misturava à algazarra infantil. As crianças obedeciam à recomendação de não brincarem longe de casa, mas às vezes se distraíam. E, então, não experimentavam somente as balas adocicadas, suaves, que derretiam na boca, mas ainda aquelas que lhes dissolviam a boca. (EVARISTO, 2016, p.76).

Notamos que o jogo lúdico do conto, desde os brinquedos no chão, à bonequinha negra e as balas doces se misturam às balas de armas usadas nas trocas de tiros – desfarelado muitas vidas. Percebemos também, que ao longo do texto a narradora faz um paralelo entre a boneca negra, a figurinha-flor e Zaíta nos deixando pistas a respeito do final da história.

Outro ponto interessante relacionado à figura da bonequinha negra é que essa se apresenta, também, como outras importantes simbologias: a da figura da mulher negra que sofre por sua condição de gênero e raça, também em relação à mulher pobre que sofre, ainda, por sua classe social. Consideramos que a bonequinha representa a própria Zaíta, na qual como a boneca é desfarelada pela violência, observem a passagem.

Em meio ao tiroteio a menina ia. Balas, balas e balas desabrochavam como flores malditas, ervas daninhas suspensas no ar. Alguns fizeram círculos no corpo da menina. Daí um minuto tudo acabou. Homens armados sumiram pelos becos

silenciosos, cegos e mudos. Cinco ou seis corpos, como o de Zaíta, jaziam no chão. (EVARISTO, 2016, p.76).

A irmã ao encontrar Zaíta, morta, demora um pouco para compreender a situação e em um estado de choque grita numa mescla de sentimentos: “- Zaíta, você esqueceu de guardar os brinquedos!” (EVARISTO, 2016, p.76). A fala de Naíta aparentemente apresenta um choque da personagem perante o fato, entretanto consideramos que o intuito maior da narradora é nos alertar para invisibilidade que essas pessoas possuem dentro da sociedade. Cenas como essa são tão corriqueiras e tão frequentes dentro das periferias, que algumas pessoas têm a morte como habitual. Como notamos no excerto “Os moradores do beco onde havia acontecido o tiroteio ignoravam os outros corpos e recolhiam só o da menina. Naíta demorou um pouco para entender o que havia acontecido.” (EVARISTO, 2015, p. 76).

Outro aspecto em relação à figurinha-flor, a qual Zaíta tanto amava, compreendemos que o jogo lúdico ocorre mais uma vez, pois Zaíta também pode ser vista como a figurinha-flor, que como muitas outras crianças também se perderam e foram encontradas por “balas-flores” de armas.

192

CONSIDERAÇÕES finais

No Brasil, a discriminação acontece não apenas por ser negro, mas pela classe social, o que tornam muitos sujeitos invisíveis e esquecidos dentro dos espaços periféricos. Os silêncios e as cegueiras sociais ocorrem não somente de maneira particular como em relação à mãe de Zaíta perante a situação dos filhos, mas ecoa nos becos das favelas e se espalha por toda uma sociedade que não quer ver nem ouvir as “balas-flores”.

No conto as personagens não hesitam em criar no leitor reflexões acerca do espaço urbano e as relações entre espaço e como o sujeito se sente marginalizado. Trazer para o campo literário reflexões que abarcam violência é extremamente relevante, os de classes mais baixas não foram apenas empurrados no século XIX para os morros, mas continuam lá até hoje; os negros não sofreram violência apenas na escravidão do Brasil colônia, mas sofrem ainda, pois são grandes os casos de jovens negros mortos no país - além da discriminação racial diária. Em relação à mulher nesse caso, essa sofre triplamente: por ser mulher, negra e pobre.

Não apenas o conto *Zaíta*, mas toda a narrativa de *Olhos d'água* apresenta uma multiplicidade de mulheres que sofrem, não coincidentemente o nome da obra. A menina *Zaíta* é apenas mais uma vítima desse escapo urbano feroz, bem como sua mãe *Benícia* que mesmo quase sem esperanças não abre mão de seus valores – não aceitando dinheiro do tráfico.

As múltiplas mulheres descritas por Conceição Evaristo representam milhares de brasileiras, mães aflitas, filhas, avós, tias, as quais clamam por socorro em uma sociedade que as excluem e não dão voz a elas. Nesse sentido, Conceição Evaristo usa a escrita como maneira de recusa à passividade. Questiona e alerta o leitor para o que se passa nos silêncios dos becos, em uma escrita latente de se encher os olhos d'água.

REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Glória. “La consciência de la mestiza”/Rumo a uma nova consciência. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, 2005, vol. 13, p. 704-719, 2005;

DALCASTAGNÈ, Regina. Mulheres negras e espaço urbano na narrativa contemporânea. In: Regina Dalcastagnè, Virginia Maria Vasconcelos Leal. (Orgs). *Espaço e gênero na literatura brasileira contemporânea*. 1ª ed. Porto Alegre: Zouk, 2015. p 41-131;

EVARISTO, Conceição. “A questão dos gêneros nas artes”. Palestra proferida em 26 de setembro de 2015/SESC Palladim/Belo Horizonte/MG;

EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. Belo Horizonte: Mazza, 2003;

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2016;

EVARISTO, Conceição. Depoimento. Organizadores DUARTE, Eduardo de A.; FONSECA, M.N.S. *Literatura e afrodescendência no Brasil*. Vol. 4. Belo Horizonte (MG): Editora UFMG, 2011.

Artigo Recebido em: 17 de setembro de 2016.

Artigo Aceito em: 12 de janeiro de 2017.

